

GES
PCP

G

O CAMPONÊS

ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO SUL

100 NÚMEROS AO SERVIÇO DA LUTA DOS QUE TRABALHAM A TERRA

O aparecimento de «O CAMPONÊS» em Maio de 1946, significou um grande acontecimento na luta dos trabalhadores do campo. A partir de então, os operários agrícolas, os pequenos e médios camponeses, passaram a dispor do seu órgão próprio, de um orientador e forjador da sua unidade.

O aparecimento de «O CAMPONÊS» está ligado à intensificação das lutas nos campos, à necessidade de fazer chegar ao maior número possível de trabalhadores do campo uma orientação justa para a sua luta.

Há 17 anos que «O CAMPONÊS» se publica. Apesar da falta de liberdade existente no país, o fascismo nunca conseguiu impedir a sua publicação e distribuição no seio das massas.

Esta importante vitória só foi possível com o esforço e dedicação

que muitos amigos lhe dedicaram. «O CAMPONÊS» faz parte do conjunto da imprensa patriótica, que na mais rigorosa clandestinidade leva ao povo a voz da verdade, o orienta e mobiliza para a luta contra o fascismo, pela paz e a liberdade.

Muitas lutas dos trabalhadores do campo estão ligadas ao «O CAMPONÊS». Chamando à luta, esclarecendo e orientando os trabalhadores nas suas lutas, o nosso jornal ligou o seu nome às grandes lutas que as massas dos campos do Sul têm travado, tornando-se um guia reconhecido pelo povo.

As grandes concentrações em Redondo, Pias, Viana do Alentejo, Coruche, em 1940, reivindicando as 8 horas; as greves de 4.000 assalariados de Pias e Vale de Vargo em 1952, as greves e concentrações de 1953 que mobiliza-

ram mais de 60.000 assalariados; as greves de 1953 contra a burla eleitoral, as grandes lutas pela conquista das 8 horas em 1962 e muitas e muitas outras, pequenas e grandes lutas, tiveram o apoio e orientação de «O CAMPONÊS».

Ao mesmo tempo que chama as massas à luta em defesa dos seus interesses, «O CAMPONÊS» aponta a todos os trabalhadores do campo o caminho para a conquista de um futuro radioso, sem miséria e opressão, o caminho da unidade, da organização e acção combativa do povo, pela conquista das nossas reivindicações, pelo fim do fascismo e a instauração de uma verdadeira democracia.

«O CAMPONÊS» prosseguirá na rota traçada. Ele precisa do auxílio de todos os seus amigos, auxílio financeiro, colaboração, etc. Precisa de ser largamente difundido no seio das massas camponesas. Estamos certos que este auxílio não será negado; «O CAMPONÊS» é o jornal dos que trabalham a terra e para os que trabalham a terra.

«O CAMPONÊS» SAUDA

TODOS OS SEUS OBREIROS

Como todos os jornais, «O CAMPONÊS» tem a sua história. Ao falar-se desta história não se pode deixar de falar dos seus obreiros, de todos aqueles que possibilitaram a existência de «O CAMPONÊS».

Francisco Miguel e Helena Magro, são dois nomes que ficarão para sempre ligados à história do nosso jornal. Foram eles que em Maio de 1946 fizeram sair o primeiro número, na altura, a cópiografo. Desde então o nosso jornal percorreu um longo caminho.

QUEM SÃO OS FUNDADORES DE «O CAMPONÊS»

Francisco Miguel, nasceu em Baleizão no ano de 1907. Desde muito cedo se entregou à luta do nosso povo pela liberdade, por uma vida livre de opressão. Pela sua acção em defesa dos interesses das massas trabalhadoras, foi várias vezes preso pelos fascistas. Mais de 20 anos passou-os na cadeia. A sua vida, quer na cadeia quer em liberdade é um exemplo de firmeza, de dedicação sem limites à causa dos oprimidos.

Helena Magro era estudante de Direito, quando em 1946 passou à clandestinidade. Desde então, até à sua morte em 1956, toda a sua vida foi dedicada à luta do nosso povo. Com a morte de Helena Magro, o nosso povo perdeu mais um combatente devotado.

Os fundadores de «O CAMPONÊS» com o seu exemplo de firmeza, de honradez, de dedicação sem limites à causa da liberdade inspiraram e continuam a inspirar toda a nossa acção.

Ao longo destes 17 anos, a publicação do nosso jornal, só foi possível porque muitos homens e mulheres, desde os tipógrafos aqueles que o levam às massas, o defenderam e lhe deram uma preciosa ajuda.

Para todos eles, vão as mais sinceras saudações e homenagem de «O CAMPONÊS», jornal ao serviço da unidade e da luta de todos aqueles que trabalham a terra.

GLÓRIA AOS NOSSOS MÁRTIRES

Na nossa luta defrontamos um inimigo cruel e sanguinário, que não recua diante qualquer crime para se manter no poder.

O salazarismo é o regime dos grandes monopólios e latifúndios que oprime e explora todo o resto do povo português.

Sempre que o povo se ergue em defesa dos seus interesses exigindo liberdade, melhores condições de vida, etc, o fascismo põe em acção o seu aparelho repressivo, para que os interesses dos exploradores não sejam afectados.

Através duma luta perseverante e firme, temos conseguido importantes vitórias na luta contra a opressão. Em muitas destas lutas foi derramado o sangue dos trabalhadores.

«O CAMPONÊS» nesta data



CATARINA EUFÉLIA

Importante da sua vida não pode deixar de lembrar e prestar homenagem a todos aqueles que tombaram na luta, vítimas da repressão fascista.

No dia 19 de Maio de 1954, a GNR, assassinou a tiro, a operária agrícola de Baleizão, Catarina Eufémia, quando, junto com suas companheiras de trabalho reivin-

dicava melhores jornadas.

A 23 de Junho de 1958, foi morto a tiro pela GNR, o operário de Montemor-o-Novo, José Adelino dos Santos, quando, junta neste com o povo da terra, protestava contra a burla eleitoral que levou Américo Tomás ao poder.

António Patuleia, operário agrícola de S. Romão e Alfredo Lima operário de Alpiarça foram também assassinados. O primeiro pela PIDE em 1947 e o segundo pela GNR local, quando com seus companheiros de trabalho lutava por melhores jornadas.

A 9 de Junho de 1945 foi espancado até à morte pela PIDE e GNR no Posto de Montemor-o-Novo, o operário da construção



JOSÉ ADELINO DOS SANTOS

civil Germano Vidigal, também dirigente do sindicato da sua classe. Embora Germano Vidigal não fosse operário agrícola, a sua morte selou a unidade dos operários e camponeses.

A morte dos nossos companheiros de luta jamais será esquecida.

(continua na 2ª pag.)

SAUDAÇÕES

O Organismo Regional do Alentejo do Partido Comunista Português saúda o «O CAMPONÊS», Órgão de Unidade dos Camponeses do Sul, pela publicação do seu número 100. Ao fazê-lo queremos salientar que «O CAMPONÊS» tem desempenhado um grande papel na luta em defesa dos interesses dos trabalhadores da terra, desde há 17 anos, altura em que foi fundado. Saudamos igualmente o seu fundador e grande obreiro, o camarada Francisco Miguel e prestamos sentida homenagem à memória de Helena Magro também sua fundadora, assim como, a todos os que dia e noite, ao sol e à chuva, sob a mais cruel perseguição, correndo todos os riscos, souberam defender a sua continuação, o levaram a todos os seus leitores, ajudando e orientando a luta que as massas do campo travam à longos anos.

Pela nossa parte, queremos afirmar que tudo faremos para sermos dignos continuadores dos seus fundadores, para que «O CAMPONÊS» continue o seu caminho na luta pela defesa dos interesses dos camponeses e de todos os que da terra vivem honradamente, e para que se realize num curto espaço de tempo, a grande aspiração dos camponeses o derrubamento do fascismo e a instauração de um governo democrático que realize uma reforma agrária que entregue a terra a quem a trabalha.

Saúdo-te querido jornal «O CAMPONÊS», Órgão de Unidade dos Camponeses do Sul, porta-voz querido dos que a trabalham a

terra, pela publicação do teu número 100.

Saúdo-te pela orientação e ajuda que nos tens prestado para podermos prosseguir na luta firme que travamos pelas nossas reivindicações e contra os exploradores; saúdo igualmente o grande obreiro de «O CAMPONÊS», o camarada Francisco Miguel e presto homenagem à memória da nossa querida amiga Helena Magro, assim como, aos camaradas tipógrafos, à sua Direcção e a todos aqueles que se esforçam para o fazer chegar aos seus leitores.

Faço votos para que muitos números sejam publicados sem interrupção e pela rápida passagem de «O CAMPONÊS» à legalidade.

LONGA VIDA QUERIDO JORNAL.

Uma camponesa do Alto Alentejo.

Ao dirigirmos a nossa Saudação ao «O CAMPONÊS» pela passagem do seu número 100, fazemo-lo cheios de amor, obrigação e carinho para com aquele que nos tem ajudado a esclarecer para nos defendermos da desenfreada exploração que os grandes agrários nos fazem à longos anos. Foi com a sua ajuda que nós, operários agrícolas, conquistámos as 8 horas de trabalho. Pena é que uma grande parte dos operários nos os camaradas não tivessem ainda compreendido suficientemente a grande tarefa que «O CAMPONÊS» desempenha na defesa dos interesses do povo.

(continua na 2ª pag.)

